

O COTIDIANO DA BARBÁRIE NOS DIÁRIOS DE VICTOR KLEMPERER

The Daily Barbarism on The Diaries Of Victor Klemperer

Juliana Aparecida Lavezo⁸³
julavezzo@hotmail.com

Resumo: O presente artigo visa discutir a literatura de teor testemunhal, assim como a memória de Victor Klemperer, alemão, judeu assimilado e professor universitário perseguido por nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O trabalho pretende demonstrar a contribuição dos testemunhos do autor para a historiografia da Shoah no século XX por meio da análise de seus diários. Tal análise visa discutir e compreender a violência inculcada durante o regime nazista aos judeus e de como o autor a relata.

Palavras-chave: Shoah. Testemunho. Nazismo.

Abstract: The present article intends to discuss the testimonial literature, as well as the memory of Victor Klemperer, Germany, assimilated Jewish and college professor chased by Nazis during the Second World War. The work intends to demonstrate the contribution of the author's testimonies to the Shoah's historiography in the 20th century by the analysis of his diaries. This analysis seeks to discuss and comprehend the inculcated violence during the nazi regime to the Jewish and how the author reports it.

Keywords: Shoah. Testimony. Nazism.

Introdução

A literatura contemporânea tem sofrido mudanças ao longo das últimas décadas do século XX e até o presente momento no que se refere à questão do testemunho – desde a tentativa (possível ou não) de representação dos fatos vividos à sua interpretação. Assistimos a ascensão de regimes totalitários, duas guerras mundiais que transformaram nossa época na “era da catástrofe” tamanha sua capacidade de devastação.

⁸³ Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" do campus de Franca. Mestranda em História Social pela Universidade de São Paulo e graduanda do curso de Pedagogia pela Unesp/Univesp do campus de Jaboicabal/SP. Atualmente professora dos anos finais do Ensino Fundamental na rede particular de ensino. Rua Rui Barbosa 1161, Jardim Primavera, Pradópolis, SP, Cep 14850000, Brasil. Artigo enviado em 29/05/2013 e aceito em 10/09/2013.

Através dos diários de Victor Klemperer, buscamos analisar o cotidiano do autor durante o regime nazista e sua contribuição para a literatura de teor testemunhal. Victor Klemperer era alemão, judeu assimilado e professor de filologia, ocupando o cargo de professor titular na Escola Técnica Superior de Dresden durante os anos de 1920 a 1935, quando é afastado do serviço público por ser judeu⁸⁴. Suas memórias publicadas em 1999 no Brasil referem-se aos anos de 1933 a 1945, data em que a cidade onde residia, Dresden, é bombardeada e ele junto a sua esposa tenta, clandestinamente, fugir a pé para Falkenstein e depois para Unterbernbach.

O diferencial de sua obra em relação a outras memórias já publicadas sobre o período, como os escritos de Primo Levi (1997) e os diários de Anne Frank (1958), é que os testemunhos de Klemperer não se referem à experiência do campo de concentração, uma vez que o autor não fora enviado para tal, entretanto, o valor testemunhal de sua obra é de suma preciosidade para a historiografia do período e é considerada como uma das obras mais fidedignas desta época.

Victor Klemperer e os diários

Nascido a 9 de outubro de 1881 em Landsberg, filho do doutor e também rabino Wilhelm Klemperer e de Henriette Klemperer (nascida Franke), Victor Klemperer era alemão, judeu convertido ainda jovem ao Luteranismo. Foi casado com Eva Klemperer, uma “ariana”, em um casamento misto o que lhe possibilitou muitas vezes escapar da ira nazista. Fora também soldado condecorado durante a Primeira Guerra Mundial, o que somado ao casamento tornava-se uma aparente “proteção”.

Sua formação como filólogo lhe possibilitou ocupar o cargo de professor titular na Escola Técnica Superior de Dresden e publicou várias obras, entre elas destacam-se: *Lingua Tertii Imperii*⁸⁵ (A linguagem do Terceiro Reich), publicado no Brasil em 2009, na qual o autor analisa a linguagem e o discurso nazista e História da literatura francesa do século XVIII: o século de Voltaire, publicado na Alemanha em 1954.

⁸⁴ No dia 7 de abril de 1933, entrou em vigor a “Lei para restauração do funcionalismo público”, cujo parágrafo 3 dizia: “Funcionários públicos sem origem ariana devem ser compulsoriamente aposentados.” Como argumento para tal parágrafo afirmava-se que “judeus” não podiam pensar à maneira alemã, portanto, não podiam reger “alemães”, tampouco administrar seu Estado.

⁸⁵ O título do livro era uma paródia que Klemperer se referiu à típica mania do uso de siglas pelo regime nazista.

Seus diários dividem-se em *Curriculum Vitae* (sem tradução para a língua portuguesa) que aborda os anos de 1881 a 1918; Os diários de Victor Klemperer, referente aos anos de 1933 a 1945 publicado no Brasil em 1999 e *The diaries of Victor Klemperer – The Lesser Evil* (também sem tradução para o português) que compreende aos anos de 1945 a 1959.

Como o registro em diários lhe era comum, desde os dezesseis anos de idade desenvolveu o talento literário, tornando-se escritor, pesquisador da literatura francesa, crítico literário e filólogo dedicado. Portanto, quando o regime nazista ascendeu ao poder, Klemperer já escrevia o diário havia 36 anos (OELSNER, 2009). O autor se debruça em autores como Montesquieu, Voltaire e Diderot, quando ainda estava em seus estudos universitários em Munique, Genebra, Berlim, Roma e Paris, opta assim, pelas letras latinas com ênfase no Iluminismo francês. Após dois anos estudando, defendeu sua livre-docência sobre Montesquieu, na Universidade de Munique, onde teve como orientador o próprio reitor da unidade, Karl Vossler.

No ano de 1920 já era considerado um crítico conceituado da literatura francesa e é neste mesmo ano que obtém a cátedra de letras latinas na Universidade de Dresden. A partir de então sua produção literária seria intensa, tendo garantido até mesmo um verbete na Enciclopédia Brockhaus por *Moderne französische Prosa* no ano de 1923. Entre os anos de 1925 e 1931 publica *Literatura francesa de Napoleão até a atualidade*, em cinco volumes. No pós-guerra, tem-se a publicação de *História da literatura francesa do século XVIII*. Portanto, quando o regime nazista ascendeu ao poder, Klemperer já escrevia o diário havia 36 anos (OELSNER, 2009). Sua *LTI* é publicada em 1947 em Berlim e segundo Oelsner (2009), até a reunificação seriam vendidos mais de 300 mil exemplares.

Victor Klemperer se dedica a escrever nestes diários seu cotidiano, ora expondo seus sentimentos e aflições, ora relatando suas percepções sobre o contexto a sua volta. O autor sentia necessidade de escrever e queria assim fazer, escreve que “prestaria testemunho até o final”, o que de fato realiza. A singularidade de seus escritos, assim como as descrições precisas, só se tornaram possíveis pelo fato de Klemperer ter permanecido na Alemanha. Também é importante mencionar que seus diários possuíam uma “guardiã secreta” no caso de eventuais visitas da Gestapo e da possibilidade de descoberta destes. Annemarie Köhler, também de origem judia, médica e amiga de Klemperer, cuidou de seus escritos até o fim da guerra.

Quando ascendeu o regime nazista na Alemanha, Klemperer acreditava que este não iria perdurar muito tempo, e que tudo aquilo era uma loucura passageira e se sentia desanimado muitas vezes. Em nenhum momento o autor se via ou se sentia judeu, pelo contrário, ele retrata de forma objetiva sua germanidade, o amor pela Alemanha é exposto até mesmo em seu desejo de não migrar do país.

Diante de todas as provações e restrições que fora posto a prova, como ser destituído de seu cargo na Escola Técnica de Dresden, até a proibição de freqüentar lugares públicos, e para sua maior tristeza, não poder fazer uso da biblioteca, Klemperer se viu impedido de prosseguir com suas atividades intelectuais. Todas as suas obras, inclusive os diários, são escritos clandestinamente.

Os diários

A obra que será analisada neste trabalho são os diários referentes aos anos de 1933 a 1945, na qual o autor relata seu cotidiano bem como o de vários colegas do seu círculo de amizade, além também de fazer referência a todas as atrocidades cometidas pelo governo nazista.

É digno de nota ressaltar aqui que Klemperer não esteve nos campos de concentração, embora fosse privado (como todos judeus) de vários direitos humanos básicos, como, por exemplo, a moradia, e submetido também, à prestação de serviços ao governo, sofrendo com o trabalho forçado e vivendo os dias como se fossem os últimos de sua vida.

Os diários de Klemperer foram escritos diariamente, muitas vezes até mais que uma vez ao dia, conforme o autor sentia necessidade. Com o passar do tempo o filólogo passa a escrever várias vezes ao dia, a fim de combater a solidão que lhe afligia e relatar minuciosamente tudo que acontecia a seu redor.

Seus escritos apresentam uma diversidade muito grande de assuntos, alguns se tornam até mesmo repetitivos, como, por exemplo, o medo da morte e de que esta se aproximava cada vez mais, a incerteza em relação ao futuro, a constante depressão e a instabilidade da época. Por conta disso, seus escritos não apresentam linearidade de temas e isso será percebido aqui, um parágrafo difere-se do assunto do outro e assim por diante. De modo claro e utilizando uma linguagem detalhada, o autor apresenta a

Alemanha de sua época através de sua óptica, analisando criticamente os fatos ao seu redor e cumprindo o papel de extrema responsabilidade que era testemunhar tudo. Klemperer sentia necessidade de escrever para a posteridade e imaginava o quão importantes seriam seus escritos após o término de toda aquela loucura.

Os primeiros anos – a loucura nazista

Klemperer começa a escrever suas anotações em fevereiro de 1933. As tarefas domésticas eram parte de suas preocupações, cabia a ele o aquecimento da casa, que durante o inverno alemão, ficava ainda mais fria. Sentia-se cada vez mais deprimido e quando isso acontecia, escrevia como forma de sublimar sentimentos conflitantes (KLEMPERER, 1999, p. 11)

Como filólogo, Klemperer passou a analisar todo tipo de linguagem durante o regime nazista, o que mais tarde seria publicado em sua *LTI (Língua Tertti Imperi)*, tanto a linguagem dos discursos feitos pelos nazistas, quanto a linguagem escrita, presente nos jornais ou propagandas da época. Quando ouvia um discurso de Hitler, o autor o descrevia como “fanático religioso” com sua “gritaria patética” (KLEMPERER, 1999, p. 13)

Klemperer tratou de analisar e escrever tudo o que vivenciou a fim de prestar testemunho da barbárie do Nazismo. A cada dia que se passava, seu lazer acabava-se aos poucos. O cinema era uma de suas paixões, porém já não frequentava com tanta assiduidade, relata que as propagandas nazistas antes do início dos filmes eram corriqueiras e que visavam construir uma imagem de uma Alemanha forte e imponente (KLEMPERER, 1999, p. 16). Notara em uma de suas idas ao cinema que a propaganda nazista lançava sérias indagações sobre Hindenburg⁸⁶ e ressaltava que este já não era mais o mesmo sujeito, o denominou como fantoche nas mãos de Hitler e que até mesmo seus passos já não eram precisos.

A opressão tornava-se cada dia mais intensa e a liberdade desaparecia do cotidiano das pessoas. A imprensa estava sob censura e não se sabia em que ou quem confiar, tudo era ameaça, tudo oferecia risco. Em 1º de abril de 1933 foi anunciado o

⁸⁶ Paul von Hindenburg (1847-1934) foi presidente da Alemanha durante os anos de 1925 a 1934. Nos diários, Klemperer relata que o antecessor de Hitler mostrava-se com saúde debilitada e cabisbaixo nos últimos anos de seu governo e que foi forçado a entregar o comando político do país nas mãos de Hitler.

boicote geral contra os estabelecimentos comerciais judeus e Klemperer relata que se viam nas ruas cartazes amarelos, homens da guarda, gente da SA diante de lojas fechadas com cartazes triangulares escritos: “Quem compra do judeu estimula o boicote internacional e destrói a economia alemã”. O boicote fora violento (KLEMPERER, 1999, p. 19). Segundo Fontette (1989) a operação foi executada pela SA⁸⁷ sob direção dos SS, com armas nas mãos, estes tentavam afastar qualquer comprador de entrar nas lojas, caso os cartazes não bastassem para afastar a clientela. Nesse mesmo período jovens alemãs que tinham namorados judeus foram levadas para as ruas com um cartaz no peito escrito: “sou a maior porca do lugar, tive relações com judeus.” (FONTETTE, 1989, p.87)

Relatos como os descritos acima em que a humilhação ao outro se faz de modo banal estão presentes em todos os momentos nos escritos do autor. Seja algo acontecido com ele próprio, a um amigo ou desconhecido, a violência imposta pelo Estado Nazista foi mortífera tanto física quanto psicologicamente. Klemperer escreve que o medo impelia as pessoas de se comunicarem como antes, ninguém mais ousava escrever uma carta, muito menos telefonar, somente as visitas ainda aconteciam.

Amiga íntima do filólogo, a médica Annemarie Köhler, em uma de suas visitas à casa dos Klemperer, contou sobre o fanatismo de enfermeiras e enfermeiros de seu hospital e da saudação nazista que todos faziam ao ouvir a canção de Horst Wessel⁸⁸. Klemperer se sentia muito envergonhado diante de tudo isso e dizia que a vergonha se alastrava por toda Alemanha (KLEMPERER, 1999, p. 22) Frases vazias, mentiras, hipocrisias, absurdos eram ditos seguidas sempre de ameaças e promessas vãs.

Klemperer continuou a ministrar aulas de literatura francesa na Escola Técnica Superior, porém o número de alunos se reduzia a cada dia, o que era um tormento para ele (KLEMPERER, 1999, p. 26). A ideia de não ter nenhum de seus escritos publicados também o afligia, mesmo tendo finalizado *A nova imagem alemã da França*⁸⁹, que lhe custara uma parte valiosa de seu tempo e receava que a obra não fosse publicada (KLEMPERER, 1999, p. 29). Uma nova ordem fora imposta a todos os funcionários da

⁸⁷ Sturmabteilungen: milícia privada e paramilitar do partido nazista. Apareceu em 1921. Como ameaçasse a própria ordem nazista, foi golepada mortalmente pelo próprio Hitler e substituída em importância pelas SS. Informações retiradas do vocabulário crítico de LENHARO, 2003, p.90.

⁸⁸ Horst Ludwig Wessel (1907-1930) foi um ativista alemão famoso pela composição da canção Die Fahnen hoch, conhecida como canção de Horst Wessel, como citada por Klemperer. A canção se tornou hino nazista e se tornou um dos hinos nacionais da Alemanha neste período.

⁸⁹ A obra intitulada *A nova imagem alemã da França* de Klemperer foi publicada em 1961.

Escola Técnica e isso também o incluía. Todos deveriam ao menos durante o trabalho e no próprio local de trabalho usar a saudação hitlerista. Pretendia-se, no entanto, que em outras ocasiões utilizassem também a saudação, caso quisessem evitar a suposta rejeição ao novo governo (KLEMPERER, 1999, p. 34) Boatos circulavam sobre aqueles que não realizavam o esperado, o autor anota a respeito de um sujeito liberto do campo de concentração que era chamado de “cão de óculos”, e que ainda era obrigado a andar de quatro ao trazer sua tigela caso quisesse comer e quando liberto, teve de assinar um documento comprometendo-se a não revelar nada (KLEMPERER, 1999, p. 36)

A busca por uma editora que pudesse publicar seu novo trabalho *Imagem da França* tornou-se incessante e conforme o tempo passava Klemperer só ouvia recusas para a publicação. Aos poucos o cerco da própria universidade se fechava a ele, a secretaria recusara seus temas para provas escritas e os alunos tornaram-se escassos.

Klemperer abominava o Nazismo e também o Sionismo. Enfatiza em seus escritos que os sionistas eram tão repugnantes quanto os nazistas e que estes últimos viviam em comunhão com a Rússia Soviética e Sion. Estas afirmações revela um Klemperer que não se sentia judeu, tampouco se via assim, dizia-se apenas “alemão”. É esse germanismo junto, à sua situação financeira, que o faz permanecer na Alemanha mesmo diante das maiores atrocidades que veria ao longo dos anos.

Alguns deixaram a Alemanha ou a Áustria, mas muitos (contavam-se ainda 300 mil em 1938) ficaram no país, pois se sentiam alemães de coração e tendiam sempre a pensar que o pior tinha passado, ou então que o futuro não seria tão terrível quanto os pessimistas (na verdade realistas ou lúcidos) temiam (FONTETTE, 1989, p.82)

Em 2 de agosto de 1934 Klemperer escreve sobre a notícia da morte de Hindenburg⁹⁰. Logo após, o governo do Reich determina a lei que unificava os cargos de presidente e chanceler a Hitler. No dia 19 de agosto, mediante um “plebiscito” Hitler foi confirmado presidente da Alemanha. Mesmo com a participação reduzida de votantes, diziam que Hitler foi eleito com noventa por cento dos votos (KLEMPERER, 1999, p. 84-85)

Com a morte de Hindenburg, Hitler assume a presidência. Já sob um regime de violência totalitária, deu-se ao luxo de expor-se a um plebiscito, que viria referendar, ou não, sua política de Estado. Diante

⁹⁰ Após vários problemas de saúde Hindenburg faleceu em 2 de agosto de 1934, dando lugar de fato a Adolf Hitler.

dos 100% de votos positivos que um governo totalitário sempre espera, Hitler foi obrigado a amargar o resultado imprevisto de 30% de *não*, dados pelos eleitores das principais cidades alemãs (LENHARO, 1995, pp.31)

Para Klemperer, os acontecimentos seguidos da morte de Hindenburg evidenciavam um golpe de Estado, porém, segundo ele, o povo mal percebia tal fato. O Exército prestaria juramento a Hitler sem que fossem feitas eleições. Ele indignava-se com o fato das Forças Armadas primeiro prestarem juramento para depois realizarem uma possível “eleição” (KLEMPERER, 1999, p. 86).

Em outubro do mesmo ano, os Klemperer se mudam para a nova casa em Dölzchen no Monte das Cerejeiras. A casa não estava totalmente concluída, faltavam ainda alguns reparos, e mesmo com algumas lembranças não tão contentes mudaram-se para lá (KLEMPERER, 1999, p. 94-95) O filólogo dividia-se entre o trabalho da casa e seu trabalho de escritor, a casa requeria uma constante arrumação, limpeza dos cômodos, e ele deveria ter paciência, muita paciência com o cheiro forte de tinta, com o pó acumulado, ao carregar as caixas para o sótão e depois trazê-las de volta, fato que o deixava cada vez mais cansado.

Nas fábricas em Döhlen, trabalhava-se em três turnos, produzindo artefatos de guerra, fato que sustentava os boatos e indícios de uma próxima deflagração de guerra (KLEMPERER, 1999, p. 101-102). Boatos circulavam sobre quem assumiria o poder caso Hitler fosse assassinado, ninguém mais conseguiria imaginar que se governasse sem ditadura, imaginavam como seria um “Quarto Reich”.

Em 9 de fevereiro de 1935 Göring⁹¹ visitou Dresden. Uma determinação oficial exigiu que todos os prédios públicos fossem embandeirados por três dias. Klemperer via muitas bandeiras pelas ruas, porém em sua rua havia pouquíssimas, caso o restante das casas correspondesse à ordem, ele também teria de fazer o mesmo. Nas ruas, muita aglomeração, congestionamento, ruas bloqueadas porque Göring iria passar (KLEMPERER, 1999, p. 113)

⁹¹ Hermann Wilhelm Göring (1893-1946) foi um líder nazista na Alemanha de Hitler. Fundou a Gestapo, polícia secreta do Estado, em 1933 e tornou-se comandante-chefe da Luftwaffe, força aérea alemã, em 1935, posição que ocupou até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

Em seus escritos do dia 17 de abril de 1935, Klemperer cita que durante o congresso de psiquiatria⁹² fez-se alusão que somente naquele momento a criança nórdica adquiriria o seu direito, pois antes era prejudicada pela criança judia, que se desenvolvia intelectualmente mais depressa (KLEMPERER, 1999, p. 119). Era possível observar nas esquinas mais diversas o jornal *Der Stürmer*⁹³ exposto em quadros especiais com o título: “Os judeus são nossa desgraça”, ou ainda: “Quem conhece o judeu, conhece o demônio”. Para os nazistas, o judeu era o inverso do ariano: “os antissemitas repetem-no há longo tempo, para que ninguém duvide. Quanto mais o judeu é humilhado, tanto mais o ariano se sente exaltado.” (SORLIN, 1974, p. 89)

Em 30 de abril de 1935, Klemperer recebeu pelo correio sua carta de demissão. A carta dizia que com base da lei de restauração do funcionalismo público sugeriram sua demissão (KLEMPERER, 1999, p. 120). No mesmo momento, ele telefonou para a Escola Técnica Superior e ninguém tinha informações para lhe dar. Sentiu desde então uma profunda amargura e desolação. Sua depressão tornou-se mais aguçada. As dificuldades financeiras já o assolava e partir desse momento as coisas só iriam piorar – pensava ele.

Alguns dias depois, o autor descobriu que sua cátedra seria ocupada novamente. Portanto, concluiu ele que não o mandaram embora devido às medidas de economia e sim pelo simples fato de ser judeu (KLEMPERER, 1999, p. 122). Começou, então, a tentar trabalhos no exterior, enviou cartas para Oxford, alguns amigos lhe sugeriram Londres e Zurique. Mas com o passar do tempo considerou que as chances no exterior eram praticamente nulas.

Em 15 de setembro o Parlamento alemão, denominado Reichstag, havia aceitado em Nuremberg, as leis relativas ao sangue e à honra alemã, que impedia o casamento misto – entre judeus e arianos. A lei não permitia qualquer contato entre arianos e judeus, favorecendo assim a segregação e os classificando como cidadãos de segunda classe (KLEMPERER, 1999, p. 131) De acordo com Nazário (1996) o casamento ou o simples contato sexual entre membros de grupos diversos constituiria a “contaminação”

⁹² O autor menciona o congresso, porém, não especifica onde e quando ocorreu. As anotações deste dia são frutos da conversa que ele teve com Bollert, diretor da biblioteca regional, um dos convidados do casal Kühn presente em sua casa no dia 12 de abril de 1935.

⁹³ O *Der Stürmer* foi um semanário nazista publicado por Julius Streicher de 1923 até 1945. Fazia parte da propaganda nazista e antissemita da Alemanha e tornou-se conhecido pelas várias caricaturas “monstruosas” que faziam dos judeus.

do sangue, a eternidade seria transmitida pela reprodução, e somente aconteceria entre indivíduos do mesmo grupo, neste caso, a raça ariana.

As leis também contemplavam a proibição de manter empregadas “alemãs” com menos de quarenta e cinco anos em lares judeus, assim como a cassação do direito dos judeus à cidadania (KLEMPERER, 1999, p. 133). Segundo Fontette (1989, p. 90) “As penas infligidas aos infratores eram os trabalhos forçados ou a prisão; essas penas serão depois agravadas e o *Rassenschande* (crime contra a raça) punido de morte.” Neste momento, salienta Klemperer, também eram julgadas por um tribunal especial as “Testemunhas de Jeová”, principalmente pessoas simples e mulheres idosas que seguiam o Velho Testamento e eram pacifistas (KLEMPERER, 1999, p. 138)

Enquanto filólogo, Klemperer observava e tecia críticas a respeito de toda e qualquer publicação transmitida via rádio, discurso oral ou imprensa escrita. Anotara que no jornal *Dresdener NN*, durante a semana do livro, a obra de Hitler, *Mein Kampf*⁹⁴ (Minha luta) era considerado o livro sagrado do Nacional-socialismo e da nova Alemanha (KLEMPERER, 1999, p. 138) Segundo o autor, o livro escrito por Hitler deveria ser vivenciado e todos deveriam possuir, até o cidadão mais pobre, pois este poderia comprar um exemplar mais barato. Com os direitos autorais adquiridos pela compra dos livros, sugere o autor que Hitler deveria estar rico. Nota-se assim o ambiente intelectual da Alemanha Nazista, onde Hitler torna-se milionário por conta de um trabalho e Klemperer não consegue ao menos publicar suas obras.

Klemperer escreveu que o ânimo dos judeus berlinenses era desolador e que o povo estava afeiçoado a Hitler com muito entusiasmo. Comentava-se que nos próximos dias haveria guerra e que as fronteiras seriam fechadas. Mas, guerra contra quem?

Havia terminado o primeiro capítulo de sua obra *Século XVIII*⁹⁵ e anotara o fato no diário, ele se sentia cada vez mais angustiado e deprimido. Os problemas eram vários inclusive de saúde, a situação financeira do casal tornara-se precária, a recusa de seus trabalhos o impossibilitava de produzir e ter uma renda adequada e fora tudo isso, não via esperanças na Alemanha de Hitler.

⁹⁴ A obra prima de Adolf Hitler foi escrita quando este ainda estava na prisão e publicada em 1925. Nela, Hitler expressava os preceitos do nacional-socialismo e o antissemitismo. O livro tornou-se a bíblia do Nazismo.

⁹⁵ A obra de Klemperer *História da literatura francesa no século XVIII* foi publicada em dois volumes em 1954 e 1966.

Em 30 de janeiro de 1936 completava-se três anos de Hitler no poder, Klemperer não via solução para tal mal, considerava o seu futuro como algo totalmente incerto, temia que os três anos do governo pudessem se transformar em cem (KLEMPERER, 1999, p. 150-151)

Ouvira um discurso de Hitler quanto passava pela rua Bismarckplatz e soube que o Reichstag estava funcionando no prédio da Krolloper⁹⁶, o teatro-ópera Kroll em Berlim (KLEMPERER, 1999, p. 153). Segundo o autor, Hitler discursava com uma voz mais saudável, presumiu que deveria ler algo escrito, não se comportava de forma patética, o que era comum.

O Reichstag havia sido dissolvido e ninguém mais conhecia quem o compunha. Houve novas eleições em 20 de março e o plebiscito aprovava em 99 por cento sobre a questão de remilitarização da Renânia (KLEMPERER, 1999, p. 153)

A cada dia que se passava, o filólogo notava como o isolamento o maltratava. Não recebia notícias de sua amiga Annemarie, não conseguia imaginar o que pudesse ter-lhe ocorrido. O autor escreve que a maioria do povo alemão estava satisfeito com Hitler e que viam na figura dele um libertador da política externa, pois desde então, as pessoas temiam por tudo.

Ao fazer referência ao Fascismo italiano, Klemperer diz que este era tão desprezível quanto o Nacional-Socialismo, mas que para ele era menos asqueroso, pois não questionava o sangue e nem perseguiam os judeus (pelo menos naquele momento).

No ano de 1936 a Alemanha sediara as Olimpíadas, para Klemperer era uma louca supervalorização do esporte porque neste caso a honra de um país dependia de quantos centímetros a mais um sujeito conseguiria pular em relação ao outro e sobre isso, anotou o caso de um negro dos Estados Unidos que conseguira pular mais alto e também da judia Helene Mayer que ganhou a medalha de prata na esgrima pela Alemanha (KLEMPERER, 1999, p. 172)

O autor designava as olimpíadas na Alemanha como algo odioso por seu caráter esportivo e político. Hitler tentara promover o “Renascimento alemão”, estava relacionado a isso, portanto, o fator de desenvolvimento e do florescimento alemão, o surgimento de um novo espírito, a união, a firmeza e o esplendor. Os nazistas achavam que o prestígio internacional do regime seria engrandecido por essas cerimônias, que

⁹⁶ Depois do incêndio do Reichstag, o parlamento funcionava no prédio da Krolloper, o teatro-ópera Kroll em Berlim.

desde 1933 alguns americanos pretendiam boicotar (FONTETTE, 1989). Para não ganhar atenção da mídia internacional, durante as Olimpíadas foi dada a ordem que todos os cartazes antissemitas deveriam ser retirados das ruas e do comércio a fim de desmentir a já disseminada propaganda antissemita no exterior.

Klemperer relata que as associações judaicas declaravam não terem nada a ver com as notícias difamatórias estrangeiras a respeito da situação dos judeus alemães, algo que o irritava profundamente e completou suas anotações ironizando sobre estas e dizendo que era capaz destas darem um atestado ao *Stürmer* de que ele só publicava a verdade de um modo mais gentil (KLEMPERER, 1999, p. 177-178)

O acesso aos espaços públicos tornava-se cada vez mais limitado e durante uma tentativa de visita à biblioteca, Klemperer foi informado de que não poderia mais utilizar a sala de leitura, mas que poderia disponibilizar o material que ele desejasse e enviá-lo para sua casa. Em relação a isto e tantos outros fatos, o autor se questionava sobre as chances de permanecer na Alemanha, decidira ficar até o “último momento” mesmo que este fosse “tarde demais”.

Como resumo do ano de 1936 que estava por findar, Klemperer anota que sua pobreza só aumentara. As dificuldades financeiras, a solidão, a desesperança quanto a possibilidade de conseguir um cargo no exterior ou em relação ao fim do Terceiro Reich o deixava cada vez mais triste e deprimido.

Ao iniciar suas anotações de 1937, Klemperer se refere à nova lei do funcionalismo público do Terceiro Reich, na qual os funcionários públicos deveriam prestar fidelidade ao Führer, no “sentido puramente alemão de fidelidade pessoal e da obediência” (KLEMPERER, 1999, p. 198)

Hitler ordenara a construção de mais escolas, as “Escolas de Adolf Hitler” no mais puro sentido nazista, de acordo com Klemperer. Segundo ele, o currículo aniquilava a cultura e a “reforma” do Terceiro Reich era para ser introduzida imediatamente. Os ginásios perderiam seu quinto ano e as aulas de francês seriam ministradas apenas em algumas escolas e somente para meninas (KLEMPERER, 1999, p. 200)

O filólogo sentia-se cada vez mais proletarizado, com uma alimentação bastante ruim e primitiva, poupando dinheiro e tempo, pois metade de seu dia era gasto com afazeres domésticos. Aos poucos, estava se convencendo e se conformando de que Hitler era realmente o escolhido pelo povo.

Os alemães escolheram Hitler num momento em que sentiam a necessidade de um chefe, a quem pudessem confiar seu destino. Temiam a guerra civil, tinham medo da fome, duvidavam de sua unidade nacional e queriam provar a si próprios sua superioridade. A partir de 1919 procuravam confusamente um adversário, um culpado, e por várias vezes haviam indigitado o judeu. O trabalho dos nazistas consistiu unicamente em levar a termo o que já estava encaminhado. (SORLIN, 1974, p. 91)

Em 2 de junho, Klemperer escreveu sobre o confronto entre a Igreja Católica e os nazistas – que ocupava cada vez mais espaço. A Igreja Católica oferecia resistência contra a política religiosa do regime nazista, que atingira seu clímax com a encíclica do Papa Pio XI. Vários religiosos foram presos e houve a expropriação de editoras e tipografias da Igreja (KLEMPERER, 1999, p. 207).

Uma campanha contra os conventos iniciou-se e estava em vigor desde maio de 1936 (KLEMPERER, 1999, p. 206-207). Havia processos contra duzentos e setenta e seis membros de ordens religiosas que foram abertos, acusando-os de homossexualidade. Klemperer cita que tal fato servia de base para um teatro de um futuro escritor satírico, pois considerava deveras engraçado padres e nazistas se acusarem mutuamente de homossexualidade e luxúria.

O autor anota sobre o que sua esposa Eva lhe dissera acerca da indiferença do povo em relação às mortes. Ninguém temia uma guerra, não sentiam compaixão relativa às vítimas, não se percebia nenhum envolvimento de forma natural. As pessoas se tornaram apáticas, sem reação alguma a qualquer ato violento, caminhava-se para a barbárie e ninguém notava.

As proibições aos judeus prosperavam e Klemperer anota algumas delas presentes no jornal *Stürmer*. Em uma foto havia duas moças vestindo maiô na piscina e acima da foto, encontrava-se escrito: “Proibido a judeus”, logo abaixo: “Bom que agora podemos ficar só entre nós!”, em outro cartaz estava escrito: “Judeus indesejados!”. Ouviam-se coisas do tipo: “os judeus assassinam a Espanha” ou “os judeus são um povo de criminosos” ou ainda: “todos os crimes são culpa do judeu” (KLEMPERER, 1999, p. 212). Havia um misto de crença no Nacional-Socialismo hitlerista mesclada com apatia e indiferença em relação aos destinos da Alemanha e dos judeus.

No discurso de Nuremberg, Hitler falou sobre a inferioridade moral e espiritual da raça judia, somado ao conceito de que o bolchevismo era algo subumano, não era uma raça como as outras, mas sim uma anti-raça (KLEMPERER, 1999, p. 214) Em Bauman (1998):

O isolamento dos judeus só podia ser um paliativo, um estágio no caminho para a meta final. A questão possivelmente não seria resolvida com a simples extirpação dos judeus da Alemanha. Mesmo vivendo bem longe das fronteiras alemãs, os judeus continuariam a produzir erosão e desintegração da lógica natural do universo. Ao ordenar a suas tropas que lutassem pela supremacia da raça alemã, Hitler acreditava que a guerra que ele desencadeava tratava-se em nome de todas as raças, era em suma um serviço que prestava à humanidade racialmente organizada (BAUMAN, 1998, p. 90-91)

Nas suas últimas linhas referentes ao ano de 1937, Klemperer escreveu o quanto a solidão o afligia e tornava-se a cada dia mais pesada. Trabalhar para si mesmo era muito deprimente, dizia que a estagnação do tempo se fazia presente e ele “vegetava sem esperanças” (KLEMPERER, 1999, p. 218-219)

No início de janeiro de 1938, Klemperer escreve que a incitação contra os judeus havia aumentado significativamente naquelas semanas (KLEMPERER, 1999, p. 218-219). A notícia de que médicos não-arianos estavam sendo demitidos das clínicas e convênios levava o autor a desacreditar de qualquer possibilidade de mudança.

Klemperer pensava em se mudar para o exterior, talvez os Estados Unidos fosse uma boa opção, lá seria um estranho, mas ao mesmo tempo sentia-se preso à Alemanha e à sua casa, sua germanidade nunca o deixou. A respeito disso, Fontette (1989) cita:

Alguns deixaram a Alemanha ou a Áustria, mas muitos (contavam-se ainda 300 mil em 1938) ficaram no país, pois se sentiam alemães de coração e tendiam sempre a pensar que o pior tinha passado, ou então que o futuro não seria tão terrível quanto os pessimistas (na verdade realistas ou lúcidos) temiam. (FONTETTE, 1989, p. 92)

Ouvia-se muita coisa, talvez apenas fosse boato, mas Klemperer registra um caso que ouvira de que em Berlim um homem levava sua mulher para dar à luz em uma maternidade. Sobre a cama havia uma figura de Cristo, o homem diria à enfermeira que o quadro precisaria ser retirado dali porque ele não queria que o filho tivesse ‘o menino judeu’ como primeira imagem ao nascer. A enfermeira, no entanto, nada poderia fazer a não ser levar o caso para um superior. O homem foi embora e à noite o médico lhe

enviou um telegrama no qual dizia que ele era pai de um menino e que o quadro não precisaria ser retirado porque o menino nascera cego (KLEMPERER, 1999, p. 228)

Havia uma relação permanente que ligava Hitler a Deus e Klemperer percebia isso presente nos jornais. O caráter do Führer de ter sido enviado pela Providência Divina estava nos discursos e na imprensa, ele era o ungido do Senhor à maneira cristã.

Dentre as normas e exigências estabelecidas aos judeus, surgira então um decreto referente à declaração dos bens dos judeus que dizia que todo judeu deveria declarar seus bens tanto no exterior quanto no interior com base em algumas determinações e quanto ao judeu estrangeiro, este deveria somente declarar seus bens no exterior. O dever de declarar os bens também cabia ao cônjuge não-judeu de um judeu. Sendo assim, os Klemperer passaram a manhã do dia 29 de junho preenchendo formulários desta declaração (KLEMPERER, 1999, p. 235). Não havia muito a declarar, a casa estava avaliada em vinte e dois mil marcos, dos quais doze mil estavam hipotecados. O autor diz não entender o que pretendiam com esta declaração.

A partir de 1º de outubro os médicos judeus estariam afastados de seu cargo segundo o quarto decreto referente à lei relativa aos cidadãos do Reich. Suas licenças e registros ficariam suspensos, proibindo-os de exercer a medicina e àquele que fora concedida a autorização, só lhe seria permitido tratar de pacientes judeus.

A contradição dos fatos notificados nos jornais com a realidade vivida pelos alemães deixava Klemperer indignado. Perante os jornais, a Alemanha estava bem, o amor ao Führer era unânime, mas ninguém sabia o que acontecia na verdade. Era um momento de dúvidas e incertezas.

Klemperer recordou entristecido sobre o ocorrido no dia 7 de janeiro quando um jovem polonês, Herchel Grynszpan, matou a tiros o conselheiro da embaixada alemã von Rath em Paris, para chamar a atenção à situação dos judeus na Alemanha. Em 27 de outubro, em uma ação realizada pelo governo nazista, dezoito mil judeus poloneses, entre estes os parentes de Grynszpan, foram levados à fronteira da Polônia e lá depositados (KLEMPERER, 1999, p. 247) Tal episódio foi o pretexto para os *pogroms* do dia 9 de novembro, a assim chama “Noite dos Cristais”. De acordo com Nazário (1996):

Na operação desencadeada a 9 de novembro de 1938, posteriormente chamada de Reichskristalnacht (“Noite de Cristal do Reich”), como alegada represália ao bem sucedido atentado do jovem judeu Hershl Grynszpan (ou Herschek Grüsphan), contra a vida do Secretário da

Embaixada Alemã em Paris, Ernst Vom Raht, cerca de 80 judeus foram mortos ou gravemente feridos pelas SA, que desempenharam, aí, “seu último ato de heroísmo”. Os SA jogavam judeus contra trens e ônibus em movimento, afogavam outros e abatiam a tiros aqueles que tentavam fugir. Entre 30 e 40 mil judeus foram levados a campos de concentração. Mais de 7 mil lojas judaicas foram saqueadas; 191 sinagogas foram incendiadas e 76 completamente demolidas. (NAZÁRIO, 1996, p. 46)

Como Klemperer não se sentia bem de saúde resolveu viajar até Berlim a fim de se tratar. No regresso a Dresden ocorreu um acidente de carro com o casal, mas felizmente nada de grave aconteceu a eles (KLEMPERER, 1999, p. 247-248)

Na manhã de 11 de novembro, o autor relata a primeira busca domiciliar, que seria seguida por várias outras. Segundo ele, tudo foi revirado, tirado do lugar. Uma revista foi apreendida, a baioneta não. O civil disse a Klemperer que deveria o acompanhar até o tribunal na Rua Münchner Platz, afirmou que não seria nada de grave e que provavelmente à noite já estariam em casa. Após uma longa espera no tribunal e depois de várias perguntas e ligações, ele foi liberado (KLEMPERER, 1999, p. 250). Sentia-se livre, mas se perguntava até quando isso duraria.

Em 12 de março do mesmo ano, Hitler ordenara a invasão da Áustria. Klemperer observava nas ruas cartazes expondo mapas da “Grande Alemanha”. Analisara a associação constante entre Hitler e Deus, presente nos jornais, o caráter do *Führer* de ter sido enviado pela Providência Divina estava nos discursos e na imprensa, era ele o ungido do Senhor à maneira cristã.

O dia 3 de dezembro era o “Dia da Solidariedade Alemã” e estava proibido aos judeus de circularem na rua do meio dia às oito da noite. No dia anterior, o ministro do Interior ordenara que as autoridades locais pudessem por iniciativa própria impor limitações temporais e locais aos judeus em relação à circulação nas ruas. A biblioteca estava totalmente proibida aos judeus (KLEMPERER, 1999, p. 252). A cada dia, o estreitamento aumentava. Klemperer leu sobre a guetização e a “proscrição dos judeus” em Berlim. Estava também proibido o direito de dirigir aos motoristas judeus. A justificativa era de que os judeus não eram pessoas confiáveis e que não poderiam sentar-se ao volante, pois esse simples fato ofendia a comunidade alemã que utilizava os meios de transporte.

Klemperer tivera conhecimento do campo de concentração de Buchenwald⁹⁷ (KLEMPERER, 1999, p. 247). Ninguém retornava de lá uma segunda vez, e ali morriam de dez a vinte pessoas por dia. Todos os dias surgia uma nova lei contra os judeus e o ânimo do autor piorava.

A imprensa manipulava informações e tratava Hitler como um verdadeiro “príncipe da paz” e diplomata genial. Klemperer observava a contradição do que via com o que lia nos jornais.

A eclosão da guerra

Klemperer começa seus escritos em 1939 relatando a notícia de que professores do ginásio filantrópico estavam sendo enviados para Buchenwald (KLEMPERER, 1999, p. 265). As professoras foram coagidas a tocar a escola sozinhas, uma delas fora empurrada e molestada pelo populacho e a polícia apenas observava sem fazer nada. Tudo na escola foi saqueado e destruído e ninguém interferiu.

A questão polonesa⁹⁸ estava sendo decidida “pacificamente” a favor da Alemanha e o pacto de não agressão com a Rússia havia sido acordado. Klemperer acreditava que a catástrofe de uma guerra seria inevitável. Ele soube por outras pessoas que ouviram pelo rádio a notícia de que a Alemanha já ocupara Danzig desde o dia 1º de setembro, a guerra contra a Polônia estaria em curso (KLEMPERER, 1999, p. 276). Começara a partir de então a escassez de alimentos que o irritara profundamente durante todos os anos da guerra. “Em fins de agosto de 1939, o governo instituiu o racionamento, prevendo meio quilo de carne por pessoa por semana, 125 gramas de manteiga, 62,5 gramas de queijo e um ovo” (KITCHEN, 1993, p. 186).

Devido ao confisco de bens e imóveis que o governo impunha, Klemperer teve de deixar sua casa em Dölzchen e seguiu então para uma Casa de Judeus na Caspar-David-Friedrich Strasse em 24 de março daquele ano, a primeira das várias que viveria nesse período. Os primeiros dias foram de arrumação, havia perda de tempo com a intromissão de pessoas na casa e por isso só voltou a escrever depois de alguns dias.

⁹⁷ O campo de concentração de Buchenwald existia desde 16 de julho de 1937. Por lá passaram cerca de 250 mil prisioneiros até abril de 1945.

⁹⁸ A questão polonesa a que Klemperer se refere trata-se da iniciativa de invadir a Polônia, realizada em setembro de 1939, conforme mencionado no texto.

Novas ordens eram dadas. Os judeus só poderiam ficar na rua até às nove horas. Tinha recebido uma carta da congregação israelita com dados pessoais para o trabalho obrigatório que se destinava a todos os judeus dos dezesseis aos sessenta anos de idade. Pensou que se tivesse de trabalhar não aguentaria, com a saúde tão frágil.

Na casa, todos estavam certos de que a Alemanha venceria a guerra. O discurso de que os alemães eram irresistíveis, invencíveis também fazia parte de alguns dentro da casa. Boatos diziam que a participação da América na guerra estava cada vez mais provável.

Klemperer esboçava em suas anotações o que mais tarde seria a composição de sua obra LTI. Analisava o tom utilizado a França: “judaizada”, “decadente”, “enegrecida” e anotava tudo.

No governo geral da Polônia, foi instituído um gueto e determinaram que os judeus usassem a faixa de Sion, e realizassem trabalhos forçados (KLEMPERER, 1999, p. 322)

Os “Esquadrões de Ação do Serviço de Segurança” (Einsatzgruppen) de Heydrich puseram mãos à obra para eliminar a intelectualidade polonesa. Himmler, em sua nova função de Comissário de União Étnica Germânica do Reich, orquestrou a deportação e recolocação de incontáveis milhares de pessoas. Por ordem de Heydrich, os judeus passaram a ser reunidos e colocados em guetos, onde as condições que se agravavam rapidamente e as epidemias incontroláveis de doenças aceleraram dramaticamente a necessidade de encontrar uma “solução final” para o “problema judaico”, imensamente ampliado pela inclusão de cerca de três milhões de judeus poloneses sob o domínio nazista (KERSHAW, 1993, p.154)

Klemperer dizia que a cada dia surgiam rumores sobre novas torturas e até aquele momento todos estes rumores se concretizavam. Estavam previstas braçadeiras amarelas para identificação dos judeus, nas fábricas os operários já as usavam, confiscaram as máquinas de costura e de escrever que pertenciam a judeus (KLEMPERER, 1999, p. 324)

Nos jornais notícias de que Londres havia sido destruída, aliás, segundo os jornais, todo dia Londres era dizimada, como se uma cidade conseguisse ser destruída tantas vezes, observa o filólogo.

Escrevera sobre um encontro com um amigo que esteve em Buchenwald. Tinha uma cicatriz na cabeça, um golpe de porrete que levava logo que desceu no campo. Ficou seis semanas no campo de concentração, havia cerca de dez mil pessoas

espremidas, sem ocupação. Não tinham cobertores, faltava água potável, pessoas armazenavam água da chuva para beber e não havia atendimento médico (KLEMPERER, 1999, p. 342).

Estava proibida a entrega de leite na casa de judeus. A cada dia uma nova proibição (KLEMPERER, 1999, p. 344). Klemperer acreditava que a guerra acabaria em 1941. Creta tinha sido conquistada, o Iraque foi tomado pelos ingleses e o estado de espírito da Alemanha era apático. O ânimo estava péssimo, os trabalhadores estavam mudando, não diziam mais ‘Heil Hitler’ e sim apenas ‘bom dia’ (KLEMPERER, 1999, p. 352)

Klemperer foi preso a fim de que cumprisse seu débito referente à multa de um blecaute que havia se esquecido. Recebeu a notificação em casa de que no dia 23 de junho deveria se apresentar para a polícia. Sentiu medo, mas tentou pensar no caso de maneira positiva, como contribuição ao seu *Curriculum*⁹⁹. Teve seus óculos retirados e não pode levar nada consigo para dentro da cela, nenhum livro, nem uma folha de papel ou caneta. Ele descreve o momento com profunda tristeza e fazendo alusão ao medo que sentira no ato. Disse que a cela era escura, os policiais davam ordens e eram grosseiros, mantinham certa distância. A alimentação na cadeia não era tão ruim, algumas vezes fora até melhor que em sua própria casa, nesse item a prisão não significou nenhuma nova experiência a ele. O que lhe incomodava bastante eram as louças, a forma e o invólucro da comida. A caneca de café era ao mesmo tempo copo de água e copo de escovar os dentes, a tigela que serviam o mingau era lascada, o único talher era uma colher de metal velha. Atrás da mesa de refeições ficava o vaso sanitário. Os dias passavam vagorosamente e com eles seu desespero, a inquietude de ficar preso em uma cela às escuras, sem papel, nem caneta, sem o contar do tempo, esperando os oito dias de detenção passar, até chegar a terça-feira (KLEMPERER, 1999, p. 354-383). No dia em que saiu do presídio, sentia a felicidade mais inebriante, o reencontro com Eva o deixara completamente extasiado.

A Alemanha estava avançando em direção a Moscou, já tinham tomado Kiev, a contraofensiva russa havia fracassado (KLEMPERER, 1999, p. 396) Ouvia-se muito a respeito de deportações de judeus para a Polônia e Klemperer sentia-se amedrontado, muitos judeus cogitavam suicídio (KLEMPERER, 1999, p. 398). Conforme Goldhagen

⁹⁹ A obra de Klemperer *Curriculum Vitae: memórias de um filólogo* foi publicada em 1989.

(1999) os alemães estabeleceram os campos da morte principalmente na Polônia porque o país era o centro demográfico do judaísmo europeu, o que tornava o lugar logisticamente mais prático para o extermínio em massa.

O autor passa a ter medo de que seus escritos fossem descobertos. Já havia passado por duas buscas domiciliares e nada havia acontecido a não ser a apreensão de papéis insignificantes a ele, mas a cada novo decreto do Reich o temor crescia.

No início de 1942 durante um passeio de bonde, Klemperer foi abordado por um policial que o levou até a Gestapo e então conheceu o lugar de que já ouvira tantas histórias de terror. Após um interrogatório, e sob humilhação e tirania, ele foi para sua casa com o constante pensamento de morte na cabeça que não lhe abandonava mais (KLEMPERER, 1999, p. 415-416). Ao chegar em casa, relatou o acontecido aos amigos e estes lhe disseram que casos semelhantes estavam acontecendo e que a finalidade dessa ação seria laçar pessoas para o trabalho forçado.

A congregação israelita enviara a Klemperer uma ordem para que ele se apresentasse em Räcknitz, distrito de Dresden, para realizar o trabalho de remoção de neve das ruas. Em 15 de fevereiro, ele começa o trabalho de remoção de neve das ruas de Dresden. No grupo de trabalhadores destinados a esse serviço havia poucos homens mais jovens que ele, o grupo de trabalhadores eram na sua maioria, homens idosos, mais velhos que o autor. Com o trabalho pesado as dores no corpo foram piorando e sua saúde se deteriorando (KLEMPERER, 1999, p. 424-426)

Em março de 1942 Klemperer ouviu falar pela primeira vez do campo de Auschwitz como sendo o mais terrível dos campos: trabalho nas minas e morte depois de poucos dias (KLEMPERER, 1999, p. 437) “Nessa época, Auschwitz já contava com centenas de milhares de vítimas da Europa ocupada. Ao todo, os alemães haviam matado mais de dois milhões de judeus nos territórios tomados à URSS, principalmente à bala e em veículos adaptados com câmaras de gás” (GOLDHAGEN, 1999, p. 172).

A alimentação nesse período resultava em um pouco de batatas, pão e raramente peixe (KLEMPERER, 1999, p. 439) Era muito difícil conseguir carne. Cozinhava-se duas ou três vezes na semana, não mais do que isso. Não havia corpo que tolerasse tamanha escassez, a saúde de Klemperer se tornava muito delicada e Eva, sua esposa, ainda mais depressiva.

As proibições estendiam-se, os judeus não podiam mais transitar pela estação, era proibido aos judeus de recorrerem a profissionais arianos para serviços pessoais. No

comércio, eram poucas as lojas que ainda atendiam aos judeus (KLEMPERER, 1999, p. 443) As lavanderias não aceitavam mais as roupas dos judeus, Klemperer estava com suas roupas acumuladas desde dezembro. O aspirador de pó estava quebrado, onde poderia ser consertado?

Novo relato de suicídio, desta vez por Veronal¹⁰⁰. O casal havia sido solicitado a comparecer na Gestapo depois de uma busca domiciliar, amedrontados, suicidaram-se (KLEMPERER, 1999, p. 443). A partir de 15 de abril, novos decretos entrariam em vigor, determinando que cada casa de judeu fosse identificada com uma estrela-de-davi na porta externa. Para utilizarem o bonde quando fossem trabalhar, os judeus só poderiam usá-los quando a distância entre a casa e o local de trabalho atingisse mais de cinco quilômetros em Dresden e mais de sete em Berlim (KLEMPERER, 1999, p. 445)

Klemperer escreveu sobre um assassinato em massa de judeus em Kiev. Crianças com a cabeça socada na parede, homens, mulheres, jovens, todos fuzilados e empilhados aos milhares, uma colina foi dinamitada e a massa de cadáveres foi enterrada sob a terra em explosão (KLEMPERER, 1999, p. 448)

Uma amostra das carnificinas alemãs inclui 23.600 judeus mortos em Kamenets-Podolski, em 27-8 de agosto de 1941; 21 mil, em Rovno, em 7-8 de novembro de 1941; um total de 25 mil, perto de Riga, em 30 de novembro e entre 8 e 9 de dezembro de 1941; de 10 a 20 mil, em Kharkov, em janeiro de 1942; e o maior massacre isolado, mais de 33 mil pessoas durante dois dias em Babi Yar, nos arredores de Kiev, ao final de setembro de 1941 (GOLDHAGEN, 1999, p.168)

Já era a segunda vez que Klemperer era alvo de chacota na rua. Um menino acompanhado por outro mais velho, cerca de doze anos, apontara para ele e gritara: “Judeu!”. Para o autor tal ato era muita humilhação, não suportava mais isso (KLEMPERER, 1999, p. 457). Uma nova proibição impedia os judeus de terem animais domésticos em suas casas e os que já possuíam que se desfizessem destes. Este decreto deprimiu ainda mais os Klemperer, pois tiveram de entregar o gato Muschel, que tinham há onze anos, à congregação onde seria sacrificado. Eva ficaria ainda mais triste, pois tinha um carinho enorme pelo gato (KLEMPERER, 1999, p. 458).

¹⁰⁰ O Veronal era um medicamento da classe dos barbitúricos empregado como sedativo, foi introduzido no mercado no início do século XX, e seu uso provocava uma ação prolongada que paralisava quase todas as funções corporais.

Uma nova visita fora feita na casa de judeus. Klemperer não estava, só pôde observar a bagunça que fizeram quando chegou em casa. Friedlheim, um dos moradores da casa, veio em direção a ele e lhe mostrou o pescoço e o queixo sangrando devido aos socos. O colega queixava-se de um pontapé que levava na barriga bem ao lado da hérnia, a senhora Kreidl e a senhora Pick também foram surradas. Quando entrou em seu quarto encontrou Eva serena e tranquila, ela então lhe contou sobre a invasão e que haviam lhe perguntado coisas como: “Você é ariana? Sua puta judia, por que você se casou com um judeu? Está escrito no Talmud: ‘Toda mulher não-judia é uma prostituta para vocês’”. Eva recebeu alguns tapas no rosto e também cuspiram-lhe na cabeça. Além dos insultos, da humilhação e das agressões físicas, o autor escreveu também que lhes roubaram muitas coisas, neste saque levaram mantimentos das famílias da casa, mas mesmo assim, devido a bagunça, era difícil reconhecer o que havia sido perdido ou roubado (KLEMPERER, 1999, p. 462)

Os judeus já não poderiam mais frequentar o teatro, cinema, museu, não podiam comprar ou assinar revistas, não poderiam usar o rádio ou telefone, estavam proibidos de viajarem de ônibus (com exceção se fosse a trabalho), não comprariam mais charutos, flores, as máquinas de escrever deveriam ser entregues, etc. Enfim, era uma gama de proibições que Klemperer elenca em seu diário (KLEMPERER, 1999, p. 470-471)

O autor soube da notícia de que duas mulheres haviam morrido no campo de concentração, fato que o deixou surpreso, pois até aquele momento não ouvira notícias sobre morte de mulheres, mas sim de homens. Uma dessas duas mulheres guardara um peixe proibido em sua geladeira e a outra utilizara o bonde para ir ao médico, que só era permitido no caso de trabalho. Foram então transportadas do campo de mulheres da região de Meckelenbur para Auschwitz, que seria o matadouro.

Os alemães experimentaram uma “pequena” câmara de gás em Auschwitz, em 3 de setembro de 1941, matando cerca de 850 pessoas, entre elas seiscentos prisioneiros de guerra soviéticos, com Zyklon B (cianureto de hidrogênio). O assassinato sistemático de judeus com gás começou em Auschwitz-Birkenau em março de 1942 (GOLDHAGEN, 1999, p.172)

Em 1943 já se notara demissões em várias empresas (KLEMPERER, 1999, p. 577). A guerra prosseguia deixando todos cansados, principalmente Klemperer. Ele havia recebido novamente a ordem para o serviço obrigatório.

Os judeus estavam proibidos de irem à escola, Klemperer dizia ser uma afronta desigual e o que de fato todos queriam era que os judeus mergulhassem no analfabetismo (KLEMPERER, 1999, p. 620). No dia 1º de agosto, recebeu uma nova carta da Gestapo, intimando-o a apresentar-se na segunda-feira no prédio da mesma, o assunto seria: informação referente a bens guardados no depósito. Ele sentia que a morte o rondava, mesmo assim compareceu à Gestapo (KLEMPERER, 1999, p. 629).

Em dezembro do mesmo ano os Klemperer estavam na terceira casa de judeus. Ele descreveu a casa como sendo a pior que já havia estado, banheiro e toailete comuns, cozinha em conjunto, pia dividida entre três pessoas, a falta de privacidade era a pior coisa para Klemperer. Estava com fortes dores no peito, a angina lhe dava falta de ar, sentia dores nos olhos e por isso procurou um médico a fim de tratar-se (KLEMPERER, 1999, p. 630-631).

Segundo o autor, a guerra estava fracassando para Hitler. O comunicado do exército mencionava várias cidades atingidas, mas não incluíam Dresden. A Inglaterra comunicou que havia cinco mil aviões sobrevoando a Alemanha no dia do ataque, mas nos jornais nada era mencionado, apenas um artigo, segundo Klemperer muito grosseiro, de caráter didático, de como as pessoas deveriam se comportar no caso de um ataque aéreo. Os jornais diziam que das cidades grandes, apenas Dresden e Breslau tinham sido poupadas (KLEMPERER, 1999, p. 661)

No dia 19 de janeiro de 1945, uma declaração russa transmitida pelo rádio, informava que no ano do jubileu da “tomada do poder”, no dia 30 de janeiro, estariam em Berlim. A partir de um boletim inglês, os russos estavam em Liegnitz, em toda Alta Silésia e em Danzig (KLEMPERER, 1999, p. 752)

As anotações que se seguem a partir de 13 e 14 de fevereiro nos diários se referem à destruição de Dresden (KLEMPERER, 1999, p. 758-760). A cidade fora destruída, era possível ouvir bombas e Klemperer só consegue escrever cerca de uma hora depois dos acontecimentos. Ele e Eva estavam desabrigados, sentiu algo cair em seu rosto após um impacto, queimava. Avistou algumas pessoas e foi em direção a estas, mas em meio à escuridão perdeu Eva e procurou por proteção junto a tantos outros (KLEMPERER, 1999, p. 760-768).

As cenas que o autor descreve são de profundo desespero. Pela clareza e riqueza de detalhes com que ele escreve durante todo o diário, relata a destruição de sua cidade natal, Dresden, a segunda cidade mais bombardeada da Alemanha (KLEMPERER,

1999, p. 770-775). Encontrou-se com Eva horas depois, quando amanheceu e então, fugindo da cidade, viajaram por trem, junto a vários desabrigados, feridos, rumo a um novo lugar. Passaram por várias cidades até chegarem a Unterbernbach onde dormiram na casa do dirigente dos agricultores locais.

O fim de seu diário também é o fim de Dresden, pelo menos durante a guerra. Trata-se de relatos emocionantes, que nos faz enxergar realmente as cenas descritas. Suas reflexões acerca do pós-guerra não estão presentes nesses diários, mas sim em outra obra mencionada no início desse trabalho.

Considerações finais

É importante ressaltar que neste trabalho a análise realizada foi feita com um olhar cuidadoso que procurou revelar a pessoa por trás do intelectual, ou seja, um judeu que sofreu com as enormes privações e humilhações impostas pelos nazistas. Para além dos fatos que envolviam a guerra e toda perseguição aos judeus, fatos estes que poderiam ser lidos em outras fontes de informação, como Klemperer mesmo sublinhara, os relatos em que o autor referia a si próprio ou sua esposa e seu estado de espírito foram priorizados, a fim de se compreender como este se sentia diante de todos os acontecimentos e como era possível (ou não) lidar com tudo isso.

Através do relato minucioso de Klemperer, percebe-se como o Estado legitima a violência contra o judeu, estimulando a perseguição e obrigando-os à segregação, pois desde o primeiro momento a intenção era a de promover a “morte social” dos judeus, e em segundo plano viria o que se chamou de “solução final”, que resultaria na aniquilação total dos judeus na Europa. Sendo assim, buscamos analisar o antissemitismo não como algo singular ao nazismo, mas sim junto ao contexto histórico, da mesma forma como o extermínio não pode ser entendido como um ato impensado, irracional, pelo contrário, ele foi instituído em medidas racionalizadas, como salienta Bauman (1998), um planejamento de engenharia social.

Como Klemperer se atentava das mais simples às mais complexas formas de expressão escrita ou falada, e ainda por sua preocupação em analisar o discurso nazista que dará mais tarde corpo a sua obra *LTI*, relata cuidadosamente suas observações, análises, deduções e hipóteses diante dos fatos. Tais acontecimentos são vistos e

avaliados sob o olhar atento de um intelectual, o que caracteriza sua obra como uma das mais fidedignas sobre a história do período.

Outro fato a se considerar é a condição psicológica de Klemperer que percorre todos os seus escritos. A atmosfera de medo e insegurança fazia parte do cotidiano dos judeus alemães e pode-se perceber nos escritos do autor que as mudanças tomadas pela política nazista alteraram as relações sociais e pessoais de cada indivíduo, como a dele própria. Com suas funções psicológicas abaladas e tendo sua produção intelectual minimizada, o autor pensa e registra várias vezes o intuito do suicídio. A tarefa de escrever diariamente é questão de sobrevivência de sua intelectualidade e tentativa de deixar a mente sã, muito embora não consiga publicar nenhum de seus trabalhos, fato que o deixara triste e em condições financeiras tortuosas após a perda do cargo na Universidade.

Longe de ser uma análise acabada, esse trabalho suscita e fomenta novas análises e busca por problematizar as ideias postas aqui. O tema se mostra atual diante dos vários casos de preconceito, intolerância e segregação étnica e/ou religiosa, portanto, não cessamos de debater sobre um tema tão polêmico e que ainda busca por respostas, muitas vezes árduas para se obter.

Referências bibliográficas

FONSETTE, François. *História do Anti-Semitismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1989.

GOLDHAGEN, Daniel. *Os Carrascos Voluntários de Hitler*. Companhia das Letras, São Paulo, 1997.

HITLER, Adolf. *Minha Luta*. Editora Moraes Ltda. São Paulo, 1983.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2. Ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

KITCHEN, Martin. *Um Mundo em Chamas: uma breve história da Segunda Guerra Mundial na Europa e na Ásia 1939-1945*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

KLEMPERER, Victor. *Os Diários de Victor Klemperer: testemunho clandestino de um judeu na Alemanha Nazista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

____. LTI: A Linguagem do Terceiro Reich. Trad. de Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro, Contraponto, 2009.

LENHARO, Alcir. *Nazismo: o triunfo da vontade*. Editora Ática, São Paulo, 1994.

LEVI, Primo. *É Isto um Homem?* Trad. de Luigi Del Re. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

____. *Os Afogados e os Sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p.1 – 7, 1990.

NAZÁRIO, Luiz. A escalada do mal. In: *Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 88, n. 5, p. 41-56.

OELSNER, Miriam. *A Linguagem como Instrumento de Dominação: Victor Klemperer e sua obra 'LTL' - Língua Tertii Imperi*. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de São Paulo - USP, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

____. *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

____. *O Local da Diferença*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SORLIN, Pierre. *O Anti-Semitismo Alemão*. São Paulo, Perspectiva, 1974.